

## DEPOIMENTO 1

# ENTRELAÇOS: REFLEXÕES E RESSIGNIFICAÇÕES DA PRÁTICA DOCENTE

Karla Rossana Rodrigues de Souza

O projeto Reflexões e Usos Linguísticos e Literários na Educação Básica (RULLE) promoveu em minha trajetória como docente de escola pública uma reviravolta, favorecendo o desenvolvimento de discussões de forma sistemática e completa, como há muito eu não participava.

É relevante destacar que a minha inscrição em tal projeto foi motivada basicamente por *inquietações e questionamentos*: o que é ensinar língua materna? Como se configura um professor da Educação Básica? O que é análise linguística? Como ensinar línguas priorizando o texto na sala de aula? Entre outras indagações que movimentavam a alma aflita de uma educadora.

Não obstante, cada oficina vivenciada, apesar das limitações inerentes à modalidade remota, possibilitou o repensar de questões relevantes ao processo pedagógico de modo sistemático e completo, pois os Grupos de Trabalho (doravante GT) propostos contemplavam distintas problemáticas, sem desconsiderar ou negligenciar nenhuma área do ensino de língua/linguagem.

Assim, ao ministrar aulas na Educação Básica, não poderia ignorar a proposta de trabalho, estudos e pesquisa que o projeto em questão ofereceu. Desde a primeira reunião, os idealizadores expuseram a prioridade do RULLE: apresentar oficinas te-

máticas que se desenvolvessem a partir das demandas dos educadores participantes, considerando a complexidade da prática pedagógica e os problemas e dilemas vivenciados em seu cotidiano.

Configura-se até em redundância destacar que a finalidade de tal projeto, que consistiu em assegurar um espaço para discussão e interação entre os saberes acadêmicos e a experiência docente escolar foi alcançada com êxito, uma vez que possibilitou o ressignificar da concepção de *formação continuada*, rompendo com a visão de que a universidade está distante do chamado “chão da escola”.

Ainda sobre o primeiro encontro, o que mais despertou o meu interesse foi a variedade de temas propostos, concretizados nos GT apresentados: GT1 – Análise Linguística, GT2 – Preconceito Linguístico, GT3 – Ensino e línguas baseado em gêneros textuais, GT4 – Ensino de Língua Estrangeira, GT5 – Ensino de Literaturas e GT6 – Aspectos psicopedagógicos no ensino de Línguas e Literaturas. Todos os inscritos necessariamente deveriam participar de todas as oficinas, tornando a formação devidamente completa e abrangente, como os professores da Educação Básica necessitam.

Isso posto, ousou afirmar que o projeto organizado pelo PET Letras da UFPE em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE (PPGL) ajudou-me a refletir sobre o meu dia a dia enquanto professora em plena pandemia de Covid-19, facilitando o meu processo de redescoberta e enfrentamento.

Destarte, é pertinente relatar situações cotidianas que me foram possíveis vivenciar durante a participação nas oficinas temáticas promovidas e organizadas pelo RULLE, tais quais: o trabalho efetivo com o gênero textual meme em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental, a promoção de atividades com textos orais em sala e a abordagem de textos da esfera jornalística de forma crítico-reflexiva.

Nessa perspectiva, no projeto em questão me foi proposto construir, desconstruir e reconstruir olhares, fazeres, saberes e deveres referentes ao trabalho docente e sua importância. Sendo assim, em minha prática pedagógica houve significativas mudanças, reconfigurando, gradualmente, a minha atuação docente.

Vale ressaltar que me identifiquei inicialmente com o GT1 – Análise Linguística e o GT2 – Preconceito Linguístico. Há muito pesquiso acerca dos usos linguísticos e seus efeitos de sentido na interação social, a reflexão linguística em sala de aula e a promoção de uma Educação Linguística na Educação Básica. Além disso, a discussão sobre preconceito linguístico revisitou o paradigma da Variação Linguística e desmistificou o debate, atualizando a abordagem de tais problemáticas com sensibilidade e fundamentação teórico-metodológica.

Por conseguinte, o projeto em questão, ao discutir as problemáticas do ensino de línguas, articulando reflexões em prol do letramento, das práticas de linguagem e dos demais aspectos notáveis, remete-se à proposta dos autores Bagno e Rangel (2005), a qual compreende a implementação de uma política de Educação Linguística nas instituições de ensino, enfraquecendo o paradigma ainda vigente de ensino nas escolas brasileiras, sobretudo nas públicas e periféricas.

Logo, para Bagno e Rangel (2005), o conceito de Educação Linguística consiste em um:

*conjunto de fatores socioculturais que, durante toda a existência de um indivíduo, lhe possibilitam adquirir, desenvolver e ampliar o conhecimento de/ sobre sua língua materna, de/sobre outras línguas, sobre a linguagem de um modo mais geral e sobre todos os demais sistemas semióticos. [...] Inclui-se também na educação linguística o*

*aprendizado das normas de comportamento linguístico que regem vida dos diversos grupos sociais, cada vez mais amplos e variados, em que o indivíduo vai ser chamado a se inserir (BAGNO; RANGEL, 2005, p. 63).*

Em outras palavras, Educação Linguística nada mais é do que desenvolver, ou melhor, promover práticas que favoreçam a ampliação das competências linguísticas e das habilidades discursivas dos estudantes, de modo institucionalizado ou não, dialogando com as premissas propostas pelo projeto em questão.

Em vista disso, outro momento significativo foi a oficina sobre Ensino de Língua Estrangeira, embora não leciono outra língua, apenas a Língua Portuguesa, sou estudante de espanhol e nesse encontro especificamente me comportei com uma aluna de língua estrangeira, todavia, uma aluna *protagonista* no seu processo de aprendizagem.

Assim, projetos e programas como o RULLE ainda fazem a diferença na formação do professor porque, para todos os efeitos, o modelo vigente na escola continua sendo o ensino da gramática normativa na perspectiva tradicional, seguindo a sequência Explicação → Exemplificação → Exercitação.

Portanto, para que as mudanças efetivas no ensino da língua/linguagem ganhem substância e consistência, faz-se necessário refletir constantemente acerca do fazer e do refazer pedagógico. Entretanto, confesso que a dinâmica cotidiana do trabalho docente nem sempre favorece posturas críticas, corroborando a importância de ampliar a formação continuada do docente, preferencialmente dialogando com o conhecimento técnico-científico desenvolvido na academia.

Ademais, os encontros formativos do RULLE também não se afastavam das orientações previstas nos documentos oficiais e curriculares, contextualizando e atualizando o debate, recorrendo muitas vezes às normativas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), entre outros textos curriculares em evidência.

Nesse sentido, considerando as prerrogativas curriculares e normativas, cada oficina, de uma maneira ou de outra, reverberou a noção de aula enquanto momento de encontro e interação e também de diálogo, pondo em destaque prioritariamente a dimensão interacional da linguagem, já que proporcionou consideráveis trocas de ex-

periências entre educandos e educadores, ratificando a percepção de que ensinar e aprender uma língua também retrata e reflete as vivências e os conceitos construídos e reconstruídos por cada um dos envolvidos no processo pedagógico.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. *Textualidade: noções básicas e implicações pedagógicas*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2017.
- BAGNO, Marcos; RANGEL, Egon de Oliveira. Tarefas da educação linguística no Brasil. In: *Rev. Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 5, n. 1, 2005.
- BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2007.